

AS MIL E UMA NOITES E O DESLOCAMENTO CULTURAL NA GEOGRAFIA LITERÁRIA

A Thousand and one Nights and Cultural Displacement in Literary Geography

Yasser Jibran Ajouz Barbar¹
Valéria Cristina Pereira da Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender o tema da viagem imaginária a partir da perspectiva literária, assim como explorar as relações entre Geografia e Literatura, utilizando como objeto de estudo a obra "As mil e uma noites". Com base nos pressupostos da Geografia Cultural e Humanista, assim como da Fenomenologia, o trabalho se propõe a estudar os sentidos da viagem proporcionada pela literatura como um deslocamento cultural.

Palavras-chaves: Viagem; Deslocamento Cultural; Geografia Literária.

INTRODUÇÃO

O tema da viagem narrativa, assim como o tema da narrativa feminina, são os focos de estudo para explorar a viagem geográfica e sua relação com a literatura e com a viagem literária. Além disso, as geograficidades presentes na obra serão identificadas através dos conceitos geográficos que são intrínsecos à obra, como espaço e lugar. Por fim, o sentido da viagem, hibridismo cultural e as imagens do Mundo Árabe no Ocidente também são temas centrais nos estudos realizados.

A obra clássica "As mil e uma noites", que é originalmente persa, sendo mais tarde adaptada e divulgada pelos árabes, foi uma difusora cultural do mundo árabe no ocidente. A personagem principal, Sherazade, é a figura central para explorar o papel do feminino na narrativa, assim como o deslocamento cultural e imaginário tão presentes numa Geografia Cultural e Transcultural.

Assim, destacamos a relevância da obra "As mil e uma noites" como fonte de pesquisa, tal como escreve Haddad (1986), apontando que a facilidade de falar sobre as Mil e uma Noites decorre do caráter infinito dessa produção, nos oferecendo imenso material de pesquisa e de observação.

Dessa forma, buscaremos investigar as espacialidades e a literatura como tipo de viagem cultural e imaginária. Assim, apresentamos como questionamento a ser investigado, se o contato com o mundo árabe através da literatura traz algum tipo de hibridismo cultural ou

¹ Discente do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: yasserbarbar@discente.ufg.br.

² Docente do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutora em Cinema e Cidade pela Sorbonne Université (2023) e em Geografia e Literatura pela Universidade Nova de Lisboa (2019). Doutora (2008) e mestre (2002) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente-SP (UNESP) e graduada (1999) em Geografia pela mesma instituição. E-mail: valeria_silva@ufg.br.

transculturalidade e como isso se manifesta. Outro ponto a ser questionado é o papel de Sherazade no nosso mundo e seus significados ampliados dentro do universo feminino.

A história das Mil e uma Noites se passa na região da Ásia Central, entre a antiga Pérsia e a Índia. O sultão Shariar havia sido traído por sua esposa e, como uma forma de vingança às mulheres, decidiu se casar com uma mulher diferente todas as noites e mandar matá-la no dia seguinte. Então, Sherazade, através de sua coragem e inteligência, se oferece para se casar com o sultão certa de que iria acabar com essa terrível prática que aterrorizava o reino.

Assim, Sherazade começa a contar uma história ao sultão na primeira noite e quando o dia começa a nascer, ela termina no auge da narrativa, fazendo com que o sultão fique curioso para saber o final. E assim foi durante mil e uma noites. Sherazade salvou sua vida e a de milhares de mulheres. Como afirma Haddad (1986), o fato de ela contar histórias, de maneira infinita, tem um sentido imediato de luta contra a morte e um outro sentido amplo, geral, social, político, o de evitar que acabassem tendo esse destino, outras mulheres, as mulheres de seu povo.

A viagem narrativa

Como exposto anteriormente, as relações entre Geografia e Literatura oferecem um campo vasto de conhecimento, assim, permitindo várias abordagens, e, no caso deste estudo, a que será explorada é o tema da viagem. Nesse sentido, Silva (2020) aponta que a viagem se destacou como a grande experiência geográfica e a Geografia mais antiga que se tem conhecimento, segundo autores como La Blache (1904) está presente na Odisseia de Homero e nela literatura e geografia estariam entrelaçadas, tendo como foco central a viagem, tanto real como imaginária.

Um geógrafo clássico que utilizou a literatura como fonte de pesquisa foi Humboldt (1769-1959). Para ele, a literatura era vista como uma fonte de imaginação científica e de estimulação intelectual que permitia alcançar o sentimento da natureza e destacar a importância dos códigos culturais e convencionais da linguagem, como aponta Lévy (2006).

Assim, a viagem narrativa se faz presente nas Mil e uma Noites por meio das histórias contadas por Sherazade, mas pelo sentido imaginário, fazendo o leitor "viajar" até os lugares descritos por ela. Nesse sentido, a viagem narrativa convida o leitor a entrar também na viagem, como afirma Pimenta (1988).

Dessa forma, assim como a Odisseia é uma obra literária que detém o imaginário da viagem e a origem emblemática do geográfico (Silva, 2020), as Mil e uma Noites também explora a viagem - como narrativa - e possui suas geograficidades.

A narrativa feminina

Como sabemos, Sherazade narra para se livrar da morte, sendo que todas as suas histórias são contadas à noite, quase no horário da alvorada. Ela havia pedido ao sultão que sua irmã, Dinazade, pudesse passar a noite com eles no quarto nupcial, já que seria a última vez que a veria. O sultão permitiu, porém, não sabia o que as irmãs haviam combinado:

"Minha querida irmã, preciso de ti numa questão importantíssima, e peço-te que não te recuses. Meu pai vai levar-me ao sultão, a quem desposarei. Não te

espantes com esta notícia; escuta-me com paciência. Quando eu estiver na presença do sultão, suplicar-lhe-ei que permita que tu durmas no quarto nupcial, a fim de que mais uma noite eu possa desfrutar a tua companhia. Se alcançar esta graça, espero, lembra-te de me acordar amanhã, uma hora antes do nascer do dia, e de me dirigir estas palavras: "Minha irmã, se não estiveres dormindo, suplico-te, à espera do dia que não tardará em nascer, me contes uma das tuas belas histórias". Imediatamente, começarei a contar, e gabo-me de, por esse meio, livrar o povo da consternação em que vive". (Tahan, 2002).

O período noturno é propício para o ato de contar histórias, pois ele instiga a imaginação e a criatividade - características que estão presentes na narrativa de Sherazade - fazendo com que tanto o narrador quanto o leitor ou o ouvinte sejam capturados pela narrativa, ou nesse caso, pela viagem imaginária.

Nesse sentido, Haddad (1986) apresenta o homem do oriente como o homem do infinito, onde o segredo, o mistério leva a uma imersão na noite, é por isso que as histórias são contadas à noite.

Acerca da narrativa feminina em si, buscamos verificar qual é o lugar do feminino na narrativa e por que ele é tão emblemático. Sherazade representa a luta contra o machismo, tão comum, não apenas no Mundo Árabe, mas em várias partes do mundo. Assim, ela dá voz às mulheres que são vítimas do machismo e que precisam driblar essa realidade no cotidiano. Nessa perspectiva, Haddad (1986) escreve:

"O que faço – partir de Chahrzad e chegar aos dias contemporâneos – é possível porque este tipo de personagem é extremamente repetitivo, ou seja, em circunstâncias iguais de opressão e havendo pessoas de determinada conformação psicológica, a personagem destes tipos de heroína vem à tona". (Haddad, 1986).

METODOLOGIA

A metodologia consiste num conjunto de procedimentos de leitura e análise da obra, criando critérios e dispositivos para identificar e compreender as espacialidades e o imaginário a partir do repertório cultural presente no texto, assim como, a análise do papel do feminino no deslocamento de imagens. Tais procedimentos estarão ancorados na abordagem teórico-metodológica da fenomenologia, como aporte teórico da filosofia, que nos permite a reflexão e o pensamento de base humanista para a ciência, assim como também amparar-se-á tanto nos referenciais do campo da Geografia Cultural como no campo da Geografia Literária. Tais campos apresentam-se muito profícuos à abordagem da cultura, suas espacialidades e as formas de consciência que ela permite.

A partir, então, do escopo fenomenológico será realizada a leitura sistemática da obra em seus volumes e nos dois ramos principais procedendo com seleção de imagens através do texto para construção da reflexão que será amparada também no aporte bibliográfico e interpretativo da temática.

RESULTADOS

Levantamos como apontamentos: como a obra "As Mil e uma Noites" moldou o imaginário ocidental acerca do Oriente, sendo este o nosso problema de pesquisa. Partimos

da hipótese de que sim, a obra, através de seus símbolos e imagens, - as lâmpadas mágicas, os gênios, as odaliscas - foi capaz de moldar a ideia de um Oriente cheio de histórias mágicas e fantásticas.

Além disso, nos deparamos com dois conceitos possíveis de serem trabalhados: hibridismo cultural e transculturalidade. No caso desta pesquisa, chegamos à conclusão de que o conceito mais apropriado para a temática é a transculturalidade, pois ela é o contato, a troca entre duas culturas diferentes. Já o hibridismo cultural é a junção de duas culturas criando uma nova, com características das duas principais.

DISCUSSÃO

Podemos afirmar que a literatura se mostra como uma fonte bastante profícua para a pesquisa geográfica e nos proporciona, através de suas narrativas, um deslocamento cultural e imaginário que está inerente à Geografia, tanto na sua origem como em seus métodos e estudos. Além disso, podemos verificar também que a obra "As Mil e uma Noites", como difusora cultural do Oriente no Ocidente, carrega um exemplo prático do que chamamos de viagem narrativa, tanto pelas histórias de Sherazade, como pela viagem que a narrativa proporciona ao leitor.

REFERÊNCIAS

HADDAD, Jamil Almansur. **Interpretações das mil e uma noites.** 1986. Disponível em: <http://www.hottopos.com//collat6/jamyl.html>. Acesso em: 09 set. 2011.

RECKERT, Stephen e CENTENO, Yvette. K. (org.). **A viagem “entre o real e o imaginário”.** Lisboa: Arcádia, 1983.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. A Geografia serve, antes de tudo o mais, para fazer a viagem: real e imaginária. **Revista Geografia, Literatura E Arte**, 2(2), 146-172. 2020.